

PT comemora sua consolidação

por Célia Rosemblum
de São Paulo

Independente do resultado das urnas, o PT já dete-
tou um ganho concreto com
a primeira eleição direta
para a Presidência da Re-
pública em 29 anos: a con-
solidação do partido criado
há 10 anos. "Estamos con-
seguindo mostrar que no
Brasil, um País sem cultu-
ra partidária, é possível os
partidos se estabelecerem
com orientação política,
disciplina da militância e
organização", diz Osvaldo
Bragas, da coordenação da
campanha de Luiz Inácio
Lula da Silva.

Ontem, o PT calcula ter
colocado nas ruas quase
um milhão de pessoas tra-
balhando na boca de urna e
no processo de fiscalização
das juntas apuradoras,
conforme estimativa feita
por Gilberto Carvalho, se-
cretário nacional de forma-
ção política do partido e
responsável por este esq-
ema. Dados que indicam
que a campanha de Lula
mobilizou um contingente
bastante superior aos 637
mil filiados registrados no
6º encontro nacional, em
junho, informou Cezar Al-
varez, secretário nacional
de organização do PT.

Ao mesmo tempo em que
comemora a adesão obtida
com a candidatura de Lula,
o PT começa a pensar em
como incorporar definiti-
vamente ao partido este no-

vo contingente de simpati-
zantes. Um assunto que
causa preocupação para
uma agremiação política
que, nos períodos eleito-
rais, costuma suspender a
formação de núcleos de ba-
se — a primeira instância
de organização da militân-
cia — e trabalhar apenas
com comitês para uma
"chegagem posterior", se-
gundo explicou Alvarez.

"A velocidade com que
cresce a representatividade
social do PT é muito
maior que nossa capaci-
dade em formar estas pes-
soas", analisa Carvalho,
responsável pela formação
dos quadros. "Vamos ter
um novo partido, com 1 mi-
lhão de filiados e represen-
tação em 3 mil mu-
nicípios", prevê Alvarez,
projetando uma expansão
de 30% para os 2,3 mil mu-
nicípios onde o PT está or-
ganizado e que represen-
tam 85% do eleitorado.

A campanha trouxe da-
dos novos como o "rejuve-
nescimento" do perfil da
militância com a adesão de
muitos jovens entre 16 e 18
anos. "Ou vamos ter capa-
cidade de efetivar uma
política de massa ou não
vamos aproveitar tudo is-
so", acha Alvarez. O objeti-
vo dos dirigentes é incorpo-
rar, conforme explicou,
"parcela de explosão
social-eleitoral e partidária
desde a questão quantitati-
va até o processo qualitati-
vo".

Em torno da candidatura
de Luiz Inácio Lula da Sil-
va à Presidência o PT obte-
ve o que Wladimir Pomar,
coordenador da campanha,
define como "uma unidade
que o partido nunca tinha
conseguido antes". Em
seus 10 anos de existência o
PT enfrenta, ciclicamente,
crises entre as diversas
tendências que aloja. Não
foi diferente durante o pro-
cesso de definição da can-
didatura de Lula. Mas,
quando a campanha foi pa-
ra a rua, segundo Pomar,
"uma série de desconfian-
ças foram superadas".

"A primeira grande uni-
dade ocorreu na estratégia
geral. As divergências
ocorreram em torno de tá-
ticas, onde as tendências
racharam, em parte se uni-
ficaram, mas acabaram
sendo deixadas de lado as
divergências em nome do
principal", diz Pomar. Um
dos coordenadores da cam-
panha, João Machado, da
Democracia Socialista
(DS) — representante bra-
sileiro do Secretariado Uni-
ficado da 4ª Internacional
— uma tendência que ele
calcula representar 10% do
partido, concorda e vai
além: "Lula unifica uma
faixa mais ampla que o
próprio PT".

A DS não concordava,
por exemplo, que o progra-
ma de governo petista ape-
nas indicasse a possibilida-
de de estatização do siste-
ma financeiro. Preferia

também que ficasse claro
que a adoção de um projeto
"democrático popular re-
presentaria uma amplia-
ção do papel do estado",
contou Machado. "Eram
diferenças secundárias
dentro do conjunto da cam-
panha", avalia.

"As divergências funcio-
nam em momento de defi-
nição, quando o partido vai
para a rua, sai unido", diz
José Genoíno, deputado fe-
deral que até pouco tempo
atrás representava o Partí-
do Revolucionário Comu-
nista (PRC), uma dissiden-
cia do PC do B, que hoje,
com o nome de "Nova Es-
querda", trabalha em con-
junto com a Articulação,
grupo majoritário do
PT.

E um novo momento de
definição está próximo: a
estratégia para o segundo
turno caso o PT esteja ou
não disputando. A executi-
va do partido reúne-se para
avaliar o quadro neste final
de semana. Genoíno acha
que as alianças devem
ocorrer "mantendo a espi-
nha dorsal da campanha".
Composições que seriam
mais fáceis com o PCB,
PV, a ala esquerda do
PMDB e o PSDB. Ele prevê
uma disputa radicalizada e
acha que se o PT estiver no
segundo turno "não pode
diminuir a intensidade da
polarização" que entende
deve ocorrer com o candi-
dato do PRN, Fernando
Collor.